

FRONTEIRA E POPULAÇÃO NO EXTREMO SETENTRIONAL DO BRASIL (ESTADO DE RORAIMA)

Nison Crocia de Barros
Universidade FI de Pernambuco, Brasil

INTRODUÇÃO

A superfície do Estado de Roraima cerca de 230 000 Km²- é em sua quase totalidade drenada pelo rio Branco, curso de água que tem suas origens nas fronteiras do Brasil com a Venezuela e a Guayana, e que desemboca no rio Negro/Amazonas. Área situada no extremo setentrional brasileiro, tem sido palco de investimento em infra- estrutura econômica e social motivados por sua posição geopolítica (BRASIL. CSN, 1985) (Figura 01).

A localização relativa de Roraima tem impresso ao seu povoamento algumas peculiaridades que, ao de suas paisagens de campos e savanas, distinguem a realidade do vale do rio Branco do outras partes de Amazônia brasileira.

Este trabalho procura oferecer uma visão sumária do processo de povoamento no vale do rio Branco, registrando formas de ocupação criadas, características e problemas atuais associados a este povoamento.

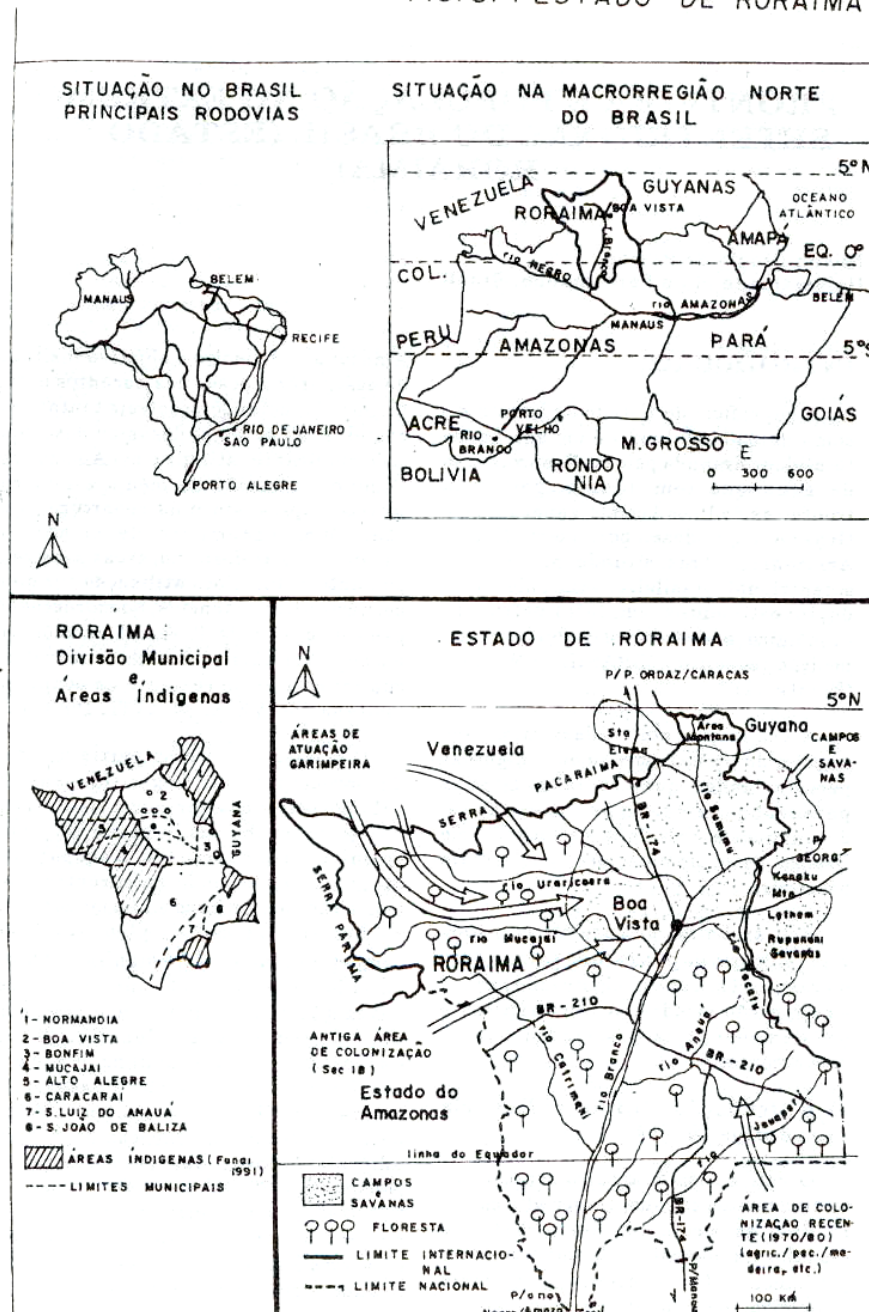
a) A Ocupação Militar e Pecuária nos séculos 18 e 19

O vale do rio Branco começou a ser efetivamente ocupado, em seu alto curso, no final do século 18. Duas razões se vincularam no sentido de impulsionar o povoamento tão para o norte da Amazônia brasileira, para longe de calha do rio Amazonas. Primeiro o objetivo lusitano de assegurar a posse das nascentes deste último rio, detendo possíveis tentativas castelhanas ou holandesas de descendo pelo rio Branco, atingir o rio Amazonas. Segundo, a região do médios e altos rio Branco apresenta uma cobertura vegetal predominantemente de campos e savanas no eixo deste rio, áreas passíveis portanto de imediata utilização por uma pecuária ultra- extensiva, que fornecendo gado vivo ao vale florestal amazônico encontraria uma razão mercantil para sua integração ao restante da ocupação lusitana (SILVEIRA; GATTI, 1988:45).

O caminho de Ascenso partia da área da provação do rio Negro (Manaus), e subindo este rio se tomava o rio Branco, navegando por balsas, e assim cortando de sul a norte o território a ocupar, até atingir a região onde se encontram os rios Uraricoera e Tacau, formadores do rio Branco, no norte, em plena região de campos e savanas. Isto significava uma jornada da quase 1 000 quilômetros de navegação, com pequeno trecho por terra nas corredeiras da localidade de Caracaraí. Por este caminho, em que o sul florestal era apenas passagem, subiram os militares para ocupar o Forte de São Joaquim, as cabeças de gado e administradores das três Fazendas Nacionais São Marcos, São Bento, e São José-, os primeiros missionários, e na verdade seria este um único caminho de acesso a região florestal foi cortada pela rodovia ligando Manaus a Boa Vista (BR174), a exceção do transporte aéreo.

A ocupação pecuária, malgrado não se tenha constituído num sucesso mercantil, foi plenamente suficiente para sustentar o povoamento desta região setentrional. Com a independência do Brasil, em 1822, as fazendas lusitanas mencionadas foram sendo invadidas por particulares, e se foi desmontando o esforço geopolítico pretérito. Missões religiosas declinaram. Contudo, havia sido criada uma pequena sociedade rural baseada no criatório e relações mercantis com o vale amazônico, que garantiam a ocupação. Em engenhoso sistema, depois ao longo do século 20, mostrar-se-ia como o base mínima e permanente, local, da economia e sociedade regionais, e fonte do poder local.

FIG. 01 : ESTADO DE RORAIMA



b) A Borracha e a Exploração Mineira: fins secc. 19/meados século 20.

O “boom” da extração da borracha provocou no vale amazônico profundas mudanças, tais como criação de novas cidades, crescimento acederação de povoações pré- existentes, penetração e ocupação de áreas não atingidas antes pelo colonizador, e mesmo a aquisição territorial de áreas a país vizinho. Más, os efeitos sobre a área pecuária de Roraima, ou mesmo sobre o sul florestal, não foram estimulantes. A área meridional do vale do rio Branco- a potencialmente favorável á extração do látex – a presenteava pouca capacidade de produção- é possível então, que o que tenha sido a drenagem de população e recursos, interessados que estavam em se dirigir para as áreas amazônicas ricas em borraha. Informações oferecidas por J. ORIQUE (1906), cit. Por SILVEIRA/GATTI (1988:45), indicavam que toda a região do baixo rio Branco (florestal) teria cerca de 1000 habitantes, no período da borracha. Esta população se situava nas margens do rio, em missões/postos de coleta de borracha, peles, etc. Em 1924, Hamilton RICE (1924:24) identificou dois povoados nestas margens do rio Branco meridional- S Maria do Boicu, e N. S. do coleta-, observando que eram postos de coleta/troca, aparentando declínio.

A queda borracha obstaculariza quais ter esforços no povoamento ao sul. A área dos campos e savanas (setentrional) permaneceria então como a de povoamento por excelência , e isto se acentuando posteriormente – nos anos seguintes- com a busca de diamantes e ouro por parte dos que abandonavam o vale amazônico com a ruína dos seringais, e longo depois (1943) com os efeitos migratórios da criação do Território Federal.

Em 1924, de acordo com RICE (1924:25), Boa Vista era um povoado com 1,200 habitantes, e a superfície de seu entorno –campo/savana- era o cenário dos criadores de gado, padrees, militares, número reduzido de trabalhadores brancos, e índios.

O comércio o do gado, controlado pelos grandes e médios criadores, articulados com, ou eles mesmos comerciantes de gado em Manaus. As fazendas, utilizando mão de obra indígena, eram auto-suficientes em gêneros, de maneira que faltava aquela camada de pequenos produtores de mercadorias, cujas ofertas e demandas poderiam vir a forma um market place. Boa Vista nau era o centro da vida econômica, e sim as fazendas onde em 1920 estavam cerca de 300 000 cabeças de gado.

Ao longo da década de 1920 observa se a chegada á Roraima setentrional campos e savanas, e áreas montanhas – de novos integrantes. Era o período de declínio da borracha, e estes migrantes estavam sendo atraídos pela mineração de ouro e diamantes, atividades que passou a fortemente interessar fazendeiros e comerciantes de gado, muitas vezes com jazidas em suas terras em 1943, a produção de ouro e diamantes significou 59.5% Del valor total da produção de Roraima, cabendo a pecuária apenas 26.8%, e o rebanho bovino declinara de 300 000 cabeças em 1920, para 120 000 cabeças em população então na década de 1940.

Achava-se extremadamente concentrada na Roraima setentrional, como efeito da onda garimpeira, cuja localidade referencia foi a cidade de Boa Vista, ás

margens do Rio Branco, e ponto de partida para as penetrações garimpeiras. Também pequenos povoados mineiros – como Tepequém- surgem, nesta área de campos/savanas. E, em comparação com as condições de povoamento antes, se observam (Tabela 1) um notável contingente de população nas áreas montanhas, fronteiriças, devido ao garimpo. Nos anos seguintes a mineração iria declinar enfaticamente, desinteressando fazendeiros comerciantes, e deixado de ser uma atividade exclusiva para persistir residualmente mediante um sistema de reprodução familiar combinando agricultura de roca e garimpo (VIEIRA 1971: 12).

TABELA 01
RORAIMA: 1943
População em algumas unidades

Unidades	População
Cidade de E. Vista	2.000
Campos/Savanas	10.400
Área Montana*	1.500
Povoado de Caracaraí	400

* : "área de garimpo"

Fonte: estimativas oficiais por ocasião da criação do Território Federal (1943), cit. LUCKMANN (1989: 15).

c) A Criação do Território Federal: Investimentos públicos e primeiros esforços de Colonização

No auge da mineração – 1941/43- e criado o Território Federal de Rio Branco (1943). Somente anos depois teria seu nome mudado para Território F. de Roraima. Sua área foi resultado da extração de área do Estado do Amazonas ao qual antes se subordinava. O Território é criado como um dos efeitos da política do Estado Novo, cuja Constituição de 1937 conferia á União (Poder Federal) o direito de extrair áreas das unidades federadas (Estados) para tê-las sob sua direta gestão, em função do que o poder federal definisse como interesse de segurança nacional.

(FREITAS, 1991: 44-45). Os territórios de Roraima, Rondônia e Amapá foram criados ao mês mos tempos e por injunções de atitudes de poder nacional. Pela primeira vez, desde a independência (1822), há uma definitiva atitude política (geo) do poder nacional com respeito a área, após a instalação pecuária/militar- Fazendas Nacionais ir Forte de São Joaquim, no final do século.

A criação do Território Federal gerou dois marcantes efeitos no povoamento de Roraima. Primeiro, os investimentos públicos realizados; e segundo, os primeiros esforços da colonização agrícola com pequenos produtores na Roraima setentrional.

Resultante da nova situação política e administrativa foram o crescimento e modernização (planejamento urbano racional) da cidade de Boa Vista, e o fato de que esta cidade começou a desenvolver uma ultra- centralização funcional urbana, em comparação com o restante do território. A onda mineradora prévia, sem dúvida, também ajudou neste início. Boa Vista, com a instalação do Território, tornou-se um pólo “administrativo/militar” (ABERS; LOURENCO, 1991:19,20). A implantação das infra-estruturas e da administração federal atraiu um grande fluxo de população em busca de oportunidades, oriundo particularmente do nordeste do Brasil, tradicional área de evasão de população. Também é construída a estrada- rodovia- ligando Boa Vista a Caracaraí, quebrando a antes exclusiva dependência ao transporte por balsa entre estas duas aglomerações. Estes efeitos de expansão do emprego e atividades, por conta das obras de estrutura administrativas, estendem-se até nos anos de 1950, quando as taxas geométricas médias de crescimento anual da população nos Territórios Federais de Roraima, Rondônia e Amapá, foram de respectivamente, para o espaço intercensitário 1950/1960: 4.65; 6.39; e 6.14%. a taxa , média anual para o Brasil, no mesmo período, foi de 2,39%. Na década seguinte, são registrados declínios (IBGE, Censos Demográficos).

Também nos fins dos anos 1940, e anos de 1950, vários projetos de colonização com pequenos agricultores são instalados na área de entorno – raio de 60/70 quilômetros – de Boa Vista. Com o tempo, a massiva evasão de colonos foi contribuindo para a macro- cefalia de Boa Vista, mas restavam povoados que permaneceriam depois.

O padrão de povoamento em forma de “raquete”, direcionando e ocupando o alto/médio rio Branco- campos e savanas-, não foi alterado. Verificou-se sim adensamento na área ocupada, pequena diástole do povoamento pelas áreas imediatas a esta, e a criação da macrocefalia de Boa Vista. Em 1943 a população de Boa Vista, capital, era cinco (cinco) vezes maior que a da segunda aglomeração (Caracaraí), e a população de Roraima se achava massivamente nas áreas rurais. Em 1980, portanto quatro décadas após, a população de Boa Vista tornou-se 11 (onze) vezes maior que a da 2ª cidade; e em 1991, já 23 vezes maior. Uma primazia portanto crescente. A população urbana, que representava cerca de 43% da população total de Roraima em 1960, passa em 1980 a representar 61.5%; e em 1991, 64.4% (IBGE. Censos Demográficos).

Em 1950 o Território Federal de Roraima apresentava uma população de 18 000 habitantes. Era, entre todos os territórios Federais, o de menor população, fato que permanece até os dias atuais, conforme o Censo Demográfico de 1991 (IBGE) que aponta uma população de 215 000 habitantes. Os fluxos migratórios mencionados, portanto, e as altas taxas de crescimento demográfico, precisam ser vistas neste contexto da pouca população presente no território de Roraima. Até década de 1970 Roraima apresentou crescimento populacional abaixo dos demais Territórios- então territórios Federais, vindo a ser transformarem em Estados pela Constituição de 1988-, ainda que elevado quando comparado com o restante do país. E contudo na década de 1980 que Roraima vai apresentar a maior taxa de crescimento populacional anual médio

do país (9.55%), e veio então a ser chamada de “novo eldorado”, para migrantes na Amazônia brasileira, (Tabela 02).

d) A Fase Recente do Povoamento

Durante os anos de 1970 e 1980 verificaram-se fatos notáveis do ponto de vista dos seus efeitos territoriais em Roraima. A construção das rodovias federais BRs 174 e 210: A PRIMEIRA LIGANDO Manaus é Venezuela, passando por Boa Vista; e a segunda, denominada também de rodovia perimetral norte, cortando o sul florestal também. Como acontecera com a BR 174 para atingir Manaus-, mas em posição perpendicular à primeira (isto é, no sentido leste/oeste). Este fato quebrou a dependência existente do transporte, ao rio Branco (transporte fluvial), entre Caracaraí e Manaus. Isto tornou possíveis o transporte rodoviário de carga entre Venezuela e portos de Caribe, e a cidade de Manaus. Iniciou-se uma rodoviário nas cargas e transporte de passageiros. Ambas as estradas permitiram também acesso profundo às áreas florestais de Roraima meridional, áreas estas inclusive com grupos indígenas não contatados, e precipitaram a exploração madeireira, pecuária, colonização agrícola, etc. Ao mesmo tempo, a expansão do gasto público em Roraima, associada a investimentos em infra-estruturas sociais e econômicas, acabariam por reforçar a primazia de Boa Vista.

Nestas duas décadas emergiram dois grandes problemas na ocupação territorial do Estado: o agucamento da questão em torno das terras indígenas, e a massiva imigração garimpeira dos anos 1987/1989, particularmente na Roraima setentrional.

A construção das estradas no sul florestal acelerou os contactos entre os povoadores e os indígenas, desarticulando os sistemas de vida destes primeiros habitantes. Por efeito da presença de madeiras, colonos, fazendeiros, garimpeiros, coletores, populações indígenas migraram, resituaram suas malocas, se inseriram, resituaram suas malocas, se inseriram nas atividades econômicas, contraíram novas enfermidades, e se tornaram mais e mais dependentes destes agentes mencionados e da assistência de órgão federal específico- FUNAI-, e dos grupos religiosos.

TABELA 02
BRASIL
UNIDADES DA REGIA NORTE
PUPOLACAO RESIDENTE, EM 1960/1970/1980/1991; TAXA CRESCIMENTO ANUAL; E DENSIDAD DEMOGRAFICA

UNIDADES	ÁREA (Km ²)	POPULACAO TOTAL				CRESC. MEDIO ANUAL (%)			DENS.DEM OGRAFICA 1991
		ANOS				PERIODO			
		1960	1970	1980	1991	60/70	70/80	80/91	HAB/Km ²
Roraima	230 104	28 304	40 885	79 159	215 790	3,75	6,82	9.55	0.9
Rondonia	243 044	69 792	111 064	491 069	1 130 400	4.76	15.75	7.87	4.7
Pará	1 248 082	1 529 293	1 167 018	3 403 391	5 084 726	3.55	4.62	3.72	4.1
Amazonas	1 564 443	708 459	955 235	1 430 089	2 088 682	3.03	4.12	3.50	1.3
Acre	152 589	158 84	215 299	301 303	417 437	3.13	3.38	3.01	2.7
Amapá	140 276	67 750	114 359	175 257	289 050	5.37	4.37	4.65	2.1
BRASIL	8 511 965	70 070 457	93 139 037	119 002 706	146 154502	2.89	2.48	1.89	17.2
NORTE	3 581 180	2 561 782	3 603 860	6 619 152	10 146 218	3.47	5.4	3,96	2.83

Fonte: IBGE. Censos Demográficos

Neste contexto, surge a pressão, particularmente destes últimos, no sentido de se preservarem as áreas indígenas. As mais extensas áreas sob reclamos de demarcação para ocupação indígena, estão contudo situadas na Roraima setentrional, i.e., área de campos e savanas, sendo a área de ocupação mais antiga São áreas ora com presença garimpeira, ora com velha ocupação por fazendas e a agricultura, e mesmo povoados, como no caso de Pacaraima (vila), situada na reclamada área de Raposa/Sertão de Sol (SUDAM.OEA PROVAM; 1991:229).

Os projetos de colonização no Estado de Roraima, devido a alta concentração de funções em Boa Vista, e às dificuldades em infra-estrutura, apresentam taxas de residência reduzidas. Há abandono de lotes de emigração em direção à capital macroenfática (Tabela 03).

Estes fatos tem sido observados para outras áreas de Amazônia brasileira (BROWDER; GODFREY, 1990:56, e outros). Os deslocamentos dos migrantes que se instalaram no sul florestal, no período 1970/80, como colonos, mais tarde em direção a Boa Vista, não resultaram por certo da ausência de propriedade da terra, ou da insuficiência em dimensão da mesma, mas sim da carência drástica de infra-estruturas que ameaçam a validade de desconcentração populacional, via colonização às margens das rodovias estão construídas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se observa acerca do povoamento na superfície do hoje Estado de Roraima, é a sua acentuada concentração na parte setentrional campos/savanas-, particularmente marcada pela macrocefalia da cidade de Boa Vista, capital. Este padrão certamente se associa à natureza geopolítica deste povoamento, que o impulsionou para o alto rio Branco, como anteparo de fronteira, que sem dúvida, baseando-se no criatório, encontrou condições ambientais compatíveis a natureza extensiva da pecuária, nos campos e savanas do alto rio Branco.

Por outro lado, esta disjunção do restante do sistema territorial brasileiro oferece facilidades de fluxos de troca com países vizinhos- Venezuela e Guayan-, particularmente como o primeiro devido a este possuir uma economia mais completa e de elevada concentração industrial relativamente próxima à fronteira, além de vantagens do ponto de vista do custo de energia.

Os dois elementos básicos a atuar na formação deste povoamento foram –e continuam sendo-, de um lado as distâncias, e de outro as valorizações geopolíticas.

TABELA 03
RORAIMA
Índice de M. Jefferson
(Primaria)

Aglomerações	Índice
E. Vista	100.0*
Mucajaí	4.3
Caracarái	4.3
Alto Alegre	2.8
s. Joao da Baliza	1.9
s. Luis do Anaúa	1.8
Eonfim	1.0
Normandía	1.0

Fonte: Dados Básicos, IBGE.

*- pop. Da maior cidade igualada a 100, sendo as demais frações desta (JEFFERSON, 1989: 226-232).

E, Vista, pop. Aprox. Em 1991: 130 000 habitantes.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1991

ABERS R; LAURENCO A Gold, geopolitical and hyper urbanization: in the Brazilian Amazon: the case of Boa Vista. In: FADA, G. (ed). La Urbe Latinoamericana ante el milenio. Caracas, Acta Cient. Venezolana.

1985

BRASOL CSN. Desenvolvimento e segurança na região ao norte da calha dos rios Solimões e Amazonas: projeto Calha Norte Brasília, 19 de junho.

BROWDER, J.; GODFREY, B. Frontier urbanization in the Brazilian Amazon: a theoretical framework for urbanization. CONFERENCE OF LATIN AMERICANIST GEOGRAPHERS, Yearbook 1990, v 16, pp.: 56/66.

1991

FREITAS, A. Políticas públicas e administrativas de Territórios Federais brasileiros. São Paulo, Dês Mestrado F. Getulio Var.

IBGE. Censos Demográficos: vários anos.

1989

JEFFERSON. M The Law of primate city. THE GEOGRAPHICAL REVIEW, 79 (2): 226-232.

1989

LUCKMANN, D. Historia e Geografia do município de Boa Vista. B. Vista.

1906

ORIQUE, J. O Vale do rio Branco Manaus (cit. SILVEIR/GATTU, 1988).

1924

RICE, Hamilton. Exploração da Guyana brasileira. Belo Horizonte/Sao Paulo. Itatiaia/Edusp.

1988

SILVEIRA, I.; GATTI, M., Notas sobre a ocupação de Roraima, migração e colonizada. OLETIM MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI (Antropologia), quatro (1): 43-64.

1991

SUDAM. OEA. PROVAM. Plano de Desenv. Integrado do vale do rio Branco. Belém.

1971

VIEIRA, Elaene. A Exploração de diamantes em Roraima de 1939 a 1970 Santa Maria, RS, Univ. Fed. S. Maria (pub. Nº 3, campus Av.).